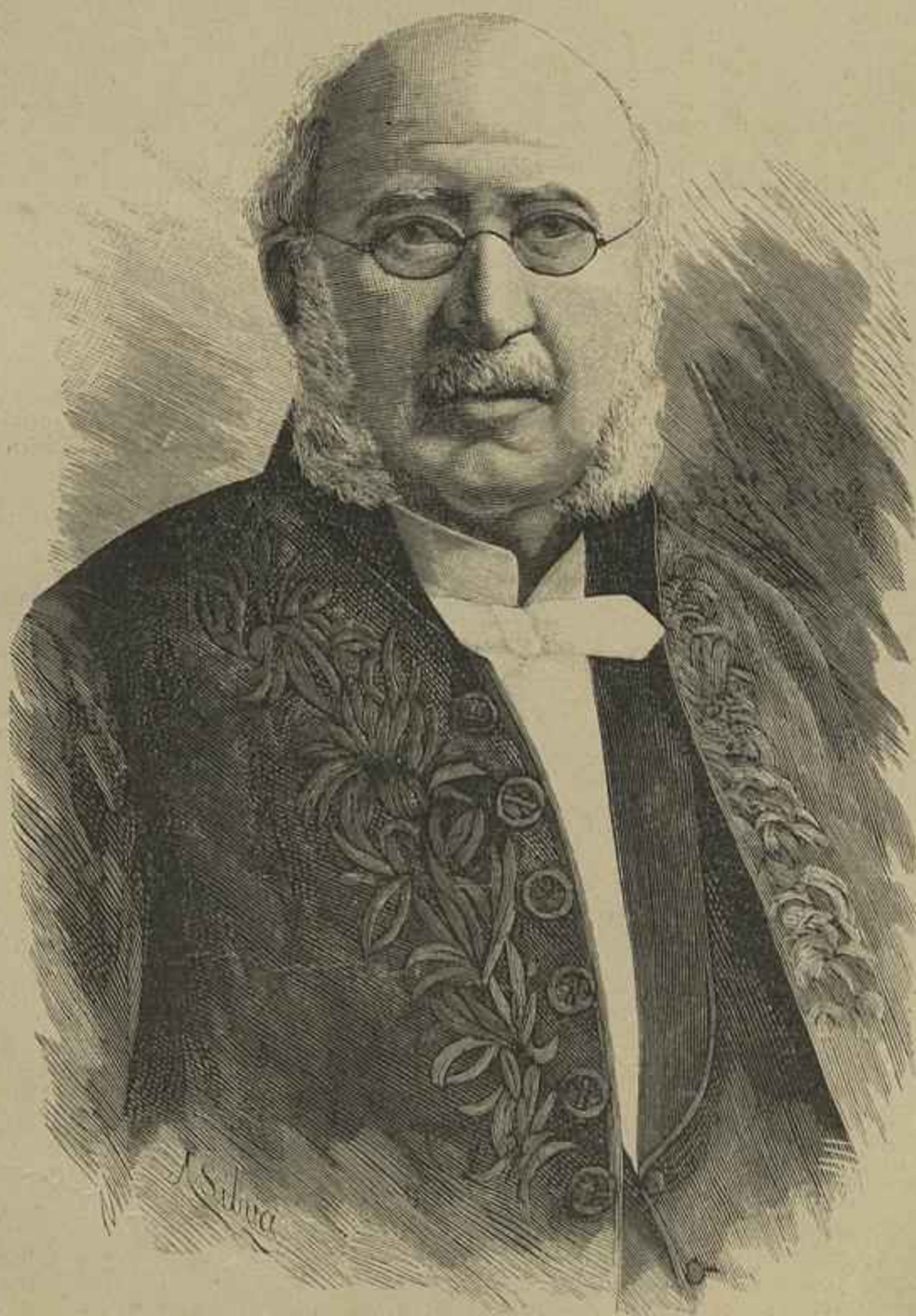


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 631	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	5800	16900	8950	5120	5 DE JULHO DE 1896	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Posseções ultramarinas (idem)...	48000	26000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	26500	—	—		



JULES SIMON, DA ACADEMIA FRANCEZA — FALLECIDO EM 8 DE JUNHO DE 1896



CHRONICA OCCIDENTAL

Um calor de rachar. Pelas nesgas de sombra, nos passeios, junto ás casas, gente afogueada sobre; as mulheres vestidas de claro, chapéus de palha branca, meneando os leques; or homens de carecas á mostra, amarellas, lusidias, abanando-se com os chapéus.

E' o bom tempo dos homens das limonadas e dos capilés, que já foram de cavallinho.

Tudo muda; só não muda a natureza humana que nos não deixa andar contentes.

Ainda, não há meia dúzia de dias, cahia agua, se Deus a dava, e diziam todos: — Quando é que isto ha de acabar?

— Senhores! Quando é que isto ha de acabar? perguntam agora.

Descansem. O Saragoçano promete agua para esta primeira quinzena, mais ainda, chuvas tempestuosas.

E' uma noticia alegre, pelo menos tanto como o será o novo annuncio do bom tempo e dos calores fortes.

E sempre a mesma pergunta anciosa: — Quando é que isto ha de acabar?

Não vale em todo o caso illimitar a confiança. Previsões de tempo, apesar dos muitos crentes na alta sabedoria dos meteorologistas, ainda são uma em cheio, outra em falso. Lembra nos a historia d'aquelle fazedor de folhinhas, que dava chuva, frio, temporaes e coriscos para certa lua nova.

— Olhe que não pôde ser! E' o dia dos meus annos, disse-lhe a sobrinha, que estava ao seu lado.

— Hein! exclamou o sabio, levantando os olhos para a testa.

E logo, muito amavel, emendou:

«Tempo sereno, firme, céu limpo, temperatura amena»

Entretanto, com bom ou mau tempo, calôres ou chuvas, o almanach é que não mente, quando affirma que estamos em julho. O aspecto da cidade tambem o vai demonstrando.

Ha noites em que raros são os espectaculos publicos em Lisboa. O theatro da Trindade e o theatro D. Amelia têm fechado muitas noites para poder ensaiar o repertorio do verão.

Constante tem sido o Principe Real com o José João, espirituosissima parodia do nosso amigo Escclapão ao João José, de Joaquim Dicenta.

O theatro D. Amelia annuncia agora a *Gran-Duqueza*, a opera comica eterna, uma das mais felizes creações d'aquella famosa trempe, Offenback, Meilhac e Halévy.

Os que se lembram do entusiasmo que essa peça produziu na sua primitiva em Lisboa, e que precisam para isso ter meia dúzia de cabellos brancos nas barbas, não podem agora sem um certo sentimento de saudade recordar aquella musica, sem uma sombra de melancolia rir d'aquellas scenas tão alegres, das farronças do General Boum, que era o Faria, das diplomacias do Puck e do Barão Grog, que eram o Pereira e o Antonio Pedro, das piagueiras do Principe, que era o Carlos d'Almeida, das leviandades de Duqueza, que era a Letroublond.

Hoje, como então, a *Gran-Duqueza* annuncia da quer dizer casa cheia. E' peça sempre nova, o que se lhe pôde dizer sem cumprimento e sem offensa. Não lhe acontece como a certa actriz que conhecemos. Vinha ella um dia passando, com os seus cincoenta e alguns annos, mas pintadinha, ainda bonita, carmim na boquinha, dentinhos brancos, fresca na sua caracterisação. Um critico cumprimentando-a, todo *talon-rouge*:

— Eternamente joven!

A cara da actriz!

E' que o espanto pela belleza d'ella era a sciencia da idade que tanto pretendia esconder. Mulheres e homens, por mais que façam, não mudam a certidão do baptismo e o elixir da mocidade, conhecido de tanta coisa bella, de tanta obra de bellos espiritos, nunca foi bebido por bocca humana. Productos da mocidade do espirito conservam d'elle a mocidade, e espiritos ha que tem a mocidade eterna, sem carmim nem pó d'arroz.

Acode me agora á lembrança o nosso velho poeta Bulhão Pato, em cujos versos ainda hoje fulgura o entusiasmo, cuja prosa tem todo o cunho moderno e se vai aprimorando dia a dia, porque hoje, como nunca, é elle possuidor da lingua.

Duas distincções, provas de affecto e justa gratidão, acabam de galardoar-lhe a sua longa vida de trabalho honesto. Na sua modestissima casa do Monte de Caparica recebeu dois diplomas, um da nossa Academia, que o nomeou socio de merito, outro da Real Academia de Historia, de Madrid. A alma de Bulhão Pato, que, essa sim, é eternamente joven, ha de ter vibrado, cheia de commoção, consolada pela recompensa do muito que tem soffrido injustiças, do muito que se esgotára em trabalhos, se em si mesmo não tivesse a fonte perenne, viva e limpida, como nos annos da mocidade.

Mas não são o espirito de Bulhão Pato as caras das mulheres, nem os espiritos dos outros. A transformação é lei geral, mudam os homens, como se transformam as cidades. O cartaz da *Gran-Duqueza*, sempre a mesma, se nos levar o pensamento para as suas primeiras recitas, far-nos-ha ver Lisboa de ha quasi trinta annos, com que saudade, com que differença da Lisboa d'hoje!

Essas saudades, porém, não obstem a que se deva concordar com os nauticos e innegaveis progressos da cidade. O que perdeu em pittoresco e caracteristico ganhou-o em belleza de ruas e passeios, em luxo e em movimento.

Dentro em pouco, transformados certos máos costumes dos habitantes, vencida a inercia dos que tinham por obrigação mais cuidar no futuro da capital, teremos em Lisboa uma verdadeira cidade de inverno, digna de receber os hospedes que desejem visital-a. Torna-se necessario uma lei melhor para os passaportes e mais caridade no Lazareto.

Ainda, ha dois ou tres dias, por occasião da viagem de experiencia do novo paquete das *Messageries Maritimes*, desembarcaram em Lisboa cem passageiros que foram aqui obsequiadíssimos. Os srs. condes de Burnay offereceram-lhes um baile no seu palacio da Junqueira e o sr. Jorge O'Neill, representante em Lisboa da opulenta companhia franceza, convidou-os a todos para um passeio a Cintra.

Entretanto não é com certeza o verão a melhor época para sermos visitados. Lisboa não pôde durante estes mezes offerecer aos estrangeiros as diversões que elle de preferencia procura. Apenas aos domingos lhes poderemos offerecer uma ou outra toirada, geralmente má, incomparavel como espectáculo com as que já poderão ter visto em Hespanha.

A raça de bons toiros parece ter-se acabado em Portugal e ha poucos dias, vimos chamado á praça e applaudido um lavrador, que, não ha quinze annos, teria sido com o mesmo curro valentemente assobiado.

O que dá realmente motivos para scismar foi o suicidio do toiro na praça de Almada. Ainda na gaiola, metteu o pescoço na corda da corrediça e enforcou-se. Não deixou carta. Os motivos d'aquella extraordinaria resolução continuam misteriosos. Verdade é que a policia, a quem até hoje ainda aqui não dirigimos censuras, tem-se portado n'esta occasião abaixo de toda a critica, não procedendo a indagações que eram do seu dever. Diz-se que ha indícios de infelicidades conjugaes, que o boi, ha muito, andava melancolico e sempre a trinar com aquillo,

Fosse como fosse, o que é verdade é que o carcere, ao abrir da gaiola, deparou-se elle aquelle tristissimo espectáculo. Os espectadores ficaram sem boi, porque o boi estava sem vida.

Attribuem outros o caso á humilhação d'aquella tristissima posição em que repentinamente se viu, preso ali, encurralado, embolado, destinado ás farpas d'um cavalleiro pichote, elle, costumado a respirar o bello ar da charneca, a subir aos cabeços, a espraia a vista por toda aquella immensidade!

Um representante da força, mettido ali, quasi manietado, n'aquella escuridão! Dos olhos sanguineos corriam-lhe duas lagrimas!

Porque o boi representa a força. Não são apenas os toureiros que o tem experimentado.

Ha tempos, trasmelharam-se uns toiros, que vinham para o matadouro. Alguns d'elles enfiaram pela rua abaixo, berros, assobios gritarias, tudo a fugir! E, no meio d'aquillo tudo, um pobre cego afflicto:

— Não haveria por ahí uma almasinha christã que me mettesse em alguma escauda?

Um boi investe com elle, agarra-o pelo sitio proprio e enfia-o por uma porta.

— Obrigada, irmãosinho. Para a outra vez escusa de ser com tanta força.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

JULES SIMON

O homem que a França pe-deu ha pouco menos de um mez, era um dos vultos mais sympathicos d'aquelle paiz, e, talvez da Europa, onde o seu nome era geralmente conhecido pelos seus escritos e pelo papel importante que teve na politica.

Membro da Academia Franceza, era, por sem duvida, dos que, com mais justiça occupava a cadeira d'aquelle notavel instituto scientifico, donde, pouco a pouco tem ido desapparecendo para a eternidade, os homens mais eminentes da França.

Jules Simon nasceu em Lorient a 27 de dezembro de 1814 e fez os seus primeiros estudos no collegio da sua terra natal e depois em Vannes, onde mais tarde iniciou o magisterio como professor substituto em philosophia, formando-se n'esta sciencia, na Escola Normal para onde entrou em 1833.

Professor nos lyceus de Caen e Versailles foi o successor de Victor Cousin nas cadeiras de historia e philosophia.

A 16 de dezembro de 1851 foi demittido do cargo que exercia na Escola Normal por não querer prestar juramento á nova Constituição. Em 1863, em substituição de Mr. Dunoyer, foi nomeado por unanimidade membro da Academia das Sciencias Moraes e Politicas e n'esse mesmo anno foi eleito deputado aos corpos legislativos pela oitava circumscripção do Sena, onde rapidamente se tornou um dos mais brilhantes oradores da opposição liberal.

A 4 de setembro era chamado a tomar parte no governo da defesa nacional e nomeado ministro da instrucção publica, dos cultos e bellas artes, e um dos actos principaes da sua administração foi a abolição da censura. Preso durante os acontecimentos de 31 de outubro foi libertado pela guarda nacional juntamente com alguns dos seus companheiros.

Alguns dias depois da capitulação (31 de janeiro de 1871) foi enviado a Bordeaux a fim de obrigar Gambetta a dar a sua demissão e assegurar a regularidade das eleições da assemblea nacional, a 8 de fevereiro.

Eleito representante da Marne, foi readmittido nas suas funcções ministeriaes por M. Thiers então presidente da republica e deu a sua demissão seis dias antes da queda d'este ultimo, em 18 de maio de 1873.

Em 16 de dezembro de 1875 foi eleito senador effectivo e membro da Academia Franceza. Em 1876 foi encarregado pelo marechal de MacMahon, de formar gabinete, o qual deu a sua demissão em 16 de maio de 1877 — em consequencia de uma carta de censura do marechal. Depois de acabada a crise de 16 de maio Jules Simon escreveu um relatório politico muito energico. Depois d'isso tornou-se um dos representantes mais autorizados do partido conservador.

Na imprensa Jules Simon collaborou em quasi todos os jornaes e revistas francezas. Foi director do *Siecle* e redactor principal do *Goulois*. N'estes ultimos annos havia fundado a *Revue de la Famille*.

Foi eleito presidente da *Société des gens de lettres* em maio e outubro de 1868.

Tempo depois, sendo presidente honorario da Associação Polytechnica, poz a sua actividade á disposição de diversas sociedades de beneficencia, de propaganda philantropica ou patriotica, de patronato e moralisação.

Ultimamente havia tomado parte, como representante da França, no congresso internacional reunido em Berlim sob a iniciativa de Guilherme II para discussão das questões do operariado.

Jules Simon é auctor d'um grande numero d'obras philosophicas, historicas e economicas. Produziu além d'isso um grande numero d'obras philosophicas com innovações assaz importantes, assim como um grande numero de estudos de critica philosophica, na *Revue des deux mondes*.

TYPOS DE MADRID — O RATA

Em todas as grandes cidades ou centros de população apparecem typos que são como que escrescencias da sociedade, parasitas para que não ha operadores possiveis capazes de os estripar e

antes pelo contrario elles é que muitas vezes estripam o proximo.

Em Paris são os *escrocs* e *tricheurs*, em Londres os *roughs* e *pickpockets*, no Rio de Janeiro os *capoeiras*, em Madrid os *ratas*, primos co-irmãos dos fadistas e gatunos de Lisboa.

Ninguém como o *rata* é mais lesto em palmar um relógio ou uma bolsa da algibeira do proximo, e com tal arte o faz e entono que até chega a ter graça.

Calça afiamburada, jaqueta curta e apertada, bonet de palla para os olhos, mãos nas algibeiras, sapatos finos, melenas á cara, movimentos rapidos e parecendo ao mesmo tempo abandonados, tanta é a sua naturalidade, parece estar sempre prompto a passar um toiro á capa, fazendo cambios, piruetas com perfeição inexcedível.

A fallar é difficil entendel-o pela fluencia e precipitado das suas palavras, e será mais facil cançar os outros de e ouvirem do que elle fatigar-se de gesticular. É uma catadupa de palavras. Tem sempre historias para contar, proezas que fez, obras boas que praticou; a vida para elle é nada; do dinheiro não faz caso. Teve grandes riquezas, é capaz de as ter ainda; é fidalgo, mas desprezou os titulos; um philosopho superior a todas as miserias humanas e por fim se não vos poude furtar alguma coisa do que levas convosco, o que será raro, pede-vos um *real* para ajuda de alguma obra meritoria. Não é para elle, que não precisa, nem de dinheiro, nem de trabalhar, nem de *nadie*!

Até n'estes typos se reconhece a altivez castelhana, como nos mendigos que pedem esmola com arreganho.

De um, contava Julio Cezar Machado, D. Francisco dos Sete Palacios que á Puerta del Sol pousava com os seus mil insectos que o acompanhavam, pedindo esmola.

Pois um colleccionador d'esses insectos — ha colleccionadores de tudo — procurou o uma vez para adquirir para a sua colleção um dos taes bichinhos tão bem criados.

Foi de Lisboa até Madrid para aquelle fim e quando encontrou D. Francisco dos Sete Palacios, no logar que lhe haviam indicado, disse-lhe ao que ia.

— Sim, tengo, de los buenos, mas no aqui, respondeu D. Francisco dos Sete Palacios, muito bem posto nos seus andrajos. — No tenga usted cuidado que mañana los traeré.

E o colleccionador lá estava no dia seguinte ansioso pelo bichinho para a sua colleção.

D. Francisco não faltou e apresentou ao original colleccionador um exemplar de primeira ordem. E' verdade, de primeira ordem.

O amador devorou o com os olhos, acariciou-o, nunca tinha visto um exemplar assim.

— E' magnifico, nem o poderei encontrar melhor. Tome usted quinhentos reales.

— Que!? quinhentos reales!? atalhou D. Francisco dos Sete Palacios indignado.

— No se moleste usted, por tan pouco, prefiro guardar-me-lo.

E voltou a metter o famoso insecto no seio d'onde o tinha tirado.

NO CAMARIM DA DANÇARINA

Está quasi prompta, bem apertada no colete, o *maillot* bem esticado. Dá um ultimo olhar ao espelho, ensaia mais uma vez o sorriso vago, que é para todos, que não é para ninguém, o sorriso de dançarina e de *voltigeuse*, sorriso dos labios que deixa tristes os olhos de quem sorri. Mais um toque de carmim com o pé de lebre, um pouco de pó de arroz, um avivar do signal na face, um piparote na farripa frisada que não cae bem sobre a testa.

O pó de arroz, a *zeau d'Espagne*, umas violetas secas, um lenço de rendas abandonado sobre o marmore do espelho, enchem de perfumes o camarim quente, abafado.

Quatro movimentos para desengonçar as pernas, e prompta!

Elle entra. Traz o ramalhete na mão, um ramalhete de flores caras, criadas em estufa, raras no inverno, d'um perfume estranho. Estampa-se lhe no rosto uma tristeza estúpida de desesperança.

O que elle não ousa ou não sabe dizer aquellas flores poderão contar. São umas vermelhas cõr da paixão, outras brancas cõr da poesia, ainda outras azues cõr do ciume. Pequeninhas ramos de avenca estremeceem entre as flores.

Elle mal o vê gaguejante, idiota e namorado. Agradece distraída. Toca a campainha electrica. Ella desce as escadas a correr e elle vai sentar-se no seu logar da platèa, com o coração oppresso a bater-lhe sob o peitinho engommado em que

fusila um diamante. Espera ansioso a entrada. Viu aquelle baile cem vezes e aquella valsa persegue-o durante as longas noites de insomnia. Quantas vezes viu a luz triste da madrugada desenhar nos stores brancos do quarto os caixilhos da janella! E elle sempre com aquella valsa nos ouvidos!

Tim-tim-tim!
La-ra-la!

Ella entrou com o seu sorriso para todos e para ninguém, com os olhos tristes, aborrecida, o signalsinho postico na face esquerda. Nem para elle olhou!

O panno cahiu e elle foi andando pela rua fóra. Fazia frio. Puxou para cima a gola do casaco. Aquella frieza matava-o. E sempre, uma verdadeira obsessão:

Tim-tim-tim!
La-ra-la!

As flores sobre o marmore do espelho resequiavam-se no calor do gaz, as folhas torciam-se, dobravam-se as hastas da avenca.

Ella limpava a testa, cançada, oflegante.
Que vida!

TEMPLO DE S. FRANCISCO EM EVORA

Evora, a cidade monumental, que em cada pedra tem um monumento da nossa historia, monumentos que remontam a épocas anteriores á fundação da nacionalidade portugueza e que, em épocas successivas vêm marcando na pedra ou no bronze as phases porque passou este paiz, desde a sua fundação até aos tempos mais aureos, que de tudo ali se encontram indeleveis padrões a afirmar nossas grandezas passadas, devia ser para os portuguezes, como que uma cidade sagrada, onde fossem retemperar a alma nas recordações do passado, quando se sentissem abatidos pela decadencia do presente.

Ali veriam quanto fomos grandes pela arte e pelo sentimento. Como ali se agruparam tantas obras d'arte, orgulho de uma civilização que por muitos annos foi na vanguarda de outras nações que mais tarde se nos adiantaram um seculo.

Ali veriam a formosa Sé com suas torres rendilhadas erguendo-se tão altivas como altivos eramos então. Os paços de El rei D. Manucl a transportarem-nos aos tempos das descobertas, e os antigos paços do concelho, e a casa de Garcia de Rezende e por toda a parte porticos e janellas, restos de antigos solares opulentos, opulentos em tudo e principalmente em arte; e uma multidão de templos, de conventos, de capellas, de ermidas, e em cada uma, um monumento de historia e de arte.

O convento de S. Francisco de que hoje nos occupamos, é, por sem duvida, dos mais bellos e mais grandiosos da cidade.

Para fallar d'elle que melhor poderemos fazer do que o que está feito por Augusto Philippe Simões, o grande sabio archeologo que uma morte desgraçada roubou á sciencia e ao seu paiz deixando-nos cheios de espanto e de saudade.

O velho monumento, que está sendo reparado em algumas de suas dependencias é historiado por Philippe Simões da maneira mais completa, como elle sabia investigar:

«Dos grandes monumentos disse um grande escriptor que representam não tan'o o sentir individual dos architectos, como as idéas sociaes das épocas em que foram construídos.

Reflectem, com effeito, as artes o espirito da civilização que as sustenta e promove; e a cada uma de suas partes integrantes, a cada povo ou sociedade traduzem lhe o principal character, a feição proeminente por que mais se distingue. Assim é que nos edificios monasticos se desenharam os genios das religiões que os fundaram; as indoles das communidades que por longos seculos encheram de seus canticos os templos, ora silenciosos e desertos; os pensamentos que os monges herdavam aos que lhes sobreviviam, como as cellas que se vão desmoronando em lamen avels ruinas.

Deixaram os jesuitas em muitas fabricas a vastidão de suas ambições e a pouca luz de seus systemas. Os dominicos esculpiram no marmore signaes manifestos do esmero e do gosto com que se applicavam ao estudo das letras e á cultura das artes. Os franciscanos, em fim, pozeram em suas construcções a austeridade da primitiva regra de Assiz; e se, por mercè de reis e poderosos, n'algumas chegaram a ostentar grandezas, nunca de todo lhes escureceram estas aquelle originario attributo.

Taes são as reflexões que nos occorrem quando contemplamos a igreja de S. Francisco em Evora, e attendemos como n'ella a magestosa grandezza e a simplicidade extrema se alliam em admiravel concordancia, não só no exterior, nos arcos esguios e elegantes do portal, nas fachadas erguidas sem outros ornatos mais que as ameias e coruchéos, senão tambem no interior, na franca amplidão do templo, e na maravilhosa altura em que a abobada se estriba sobre delgadas paredes.

Suscitam-se-nos, porém, aqui outras idéas. O espirito, cedendo ao magico influxo da escassa luz coada através dos vidros das frestas, deixa-se enlevar em profunda meditação, e, evocando memorias do passado, povõa a tribuna, o cõro e a nave de nobres figuras de reis; de graciosas damas e gentis cavalleiros adornados das luzidas galas da cõrte; de graves e austeros frades vestidos de borel e cingidos de esparto; e do bom povo, simples e devoto, n'aquelles trajos singellos que se perderam com o crer e sentir dos tempos que foram. Dão assumpto a longo phantasiar as muitas e interessantes tradições que de geração em geração chegaram até ao presente.

Não se sabe ao certo o anno da fundação do convento de Evora. Indicam vagamente os escriptores da ordem a data de 1224, que, por falta de memorias authenticas, nem se prova, nem se contesta. O documento mais antigo de que temos noticia é uma doação feita aos religiosos em 1245.¹

Anda em tradição que, sendo ainda vivo o patriarcha S. Francisco, saíram tres religiosos dos conventos da Galliza, da mesma sorte que, pouco tempo antes, em 1117, tinham vindo de Italia fr. Gualter e fr. Zacharias, e que, assim como estes fundaram os conventos de Lisboa e Guimarães, e talvez outros das provincias do norte, instituiram aquelles a casa de Evora, a primeira, segundo a mesma tradição, d'entre Tejo e Guadiana.

Fóra do templo, entre a capella dos ossos e a casa do capitulo, está uma urna grande de marmore, e n'ella a seguinte inscripção com as datas da fundação do convento e da trasladação dos ossos dos fundadores.

*Christiferi quondam veniunt tria pignora Patris
Gallici patria, surgit et ista domus,
Igneus hinc fervor Francisci impleverat illos,
Tanti ignis cineres claudit uterque lapis
1629, et venire 1224*

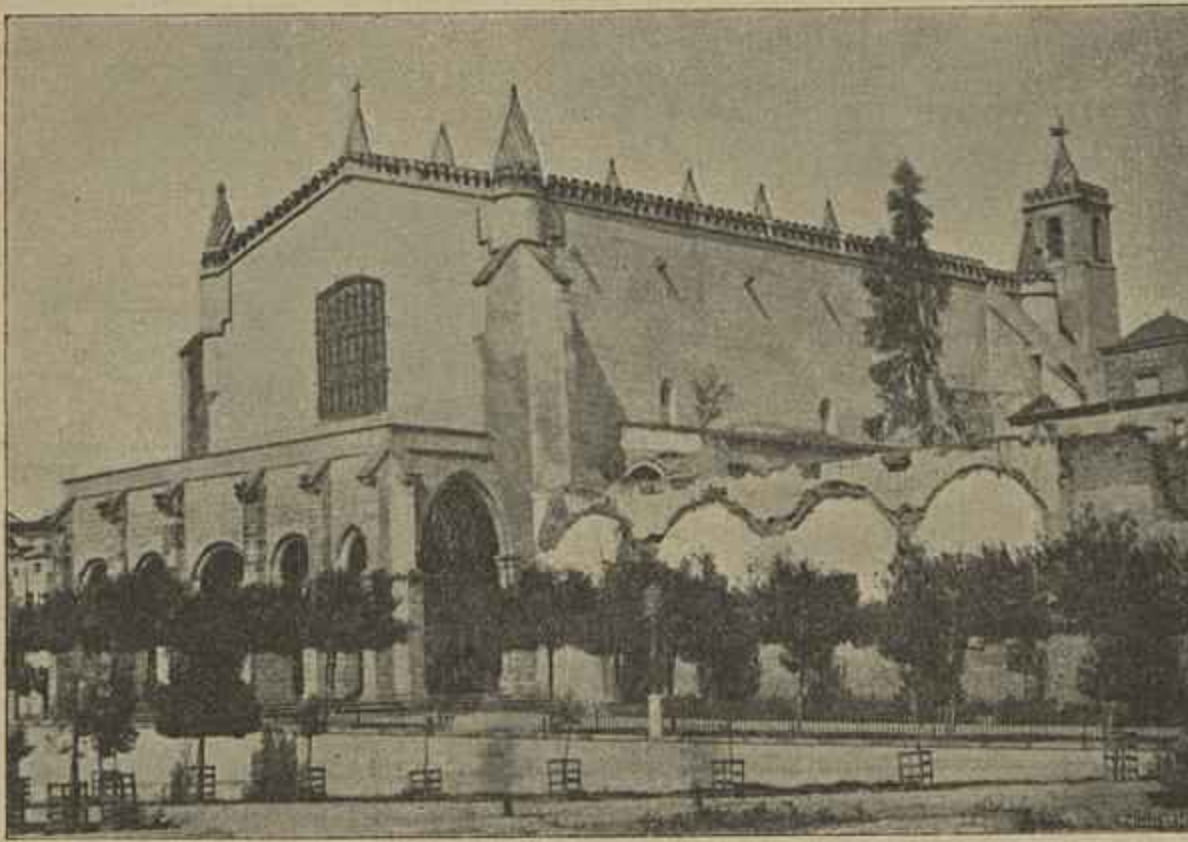
Esta inscripção resolveria todas as duvidas se não fosse tão recente, e se um dos chronistas de S. Francisco, pretendendo auctorisal-o, não deixasse boas provas da nenhuma fé que merece. Eis aqui em poucas palavras a lenda referida por fr. Jeronymo de Belem. Fallecidos os fundadores, foram enterrados no cemiterio commum do convento, e como seus restos estivessem ali expostos a continuos piedosos furtos, pela grande devoção em que os tinham os fieis, assentaram os religiosos traslados para o claustro, onde occultamente os depositaram n'uma parede. Com o decurso dos annos se perdeu a memoria do sitio; e querendo descobri-lo em 1629 o guardião do convento, fr. Diogo de Monroy, mandou cantar uma missa a Santo Antonio, com sermão analogo ao que pretendia; e em meio d'ella, e sendo grande o concurso do povo na igreja, caiu por si, na capella d'aquelle santo, a parede que entesta com o claustro, e deixou patentes os ossos dos fundadores.

O jesuita Manuel Fialho, no seu vasto repositório de noticias contestaveis, que intitula *Evora illustrada*, e exta na bibliotheca d'esta cidade em quatro volumes manuscritos, referiu tambem o mesmo milagroso successo. Acrescentou, entretanto, não sabemos se ingenuamente, se para que os franciscanos se não rissem d'elle, que não era para admirar o arrombamento da parede, fazendo Santo Antonio tantos milagres de arromba.

No mesmo anno de 1629 se collocaram os ossos dentro da urna que hoje os guardam, em certo logar do claustro, e d'ahi foram mudados em 1647, por devoção particular do bispo de Fez, D. Bernardino de Santo Antonio, para uma capella da igreja. Ignoramos a época em que acertadamente os removeram do templo para o sitio onde se conservam.

Não durou muito a pobreza primitiva da ordem. Da citada doação de julho de 1245, escripta por mestre Payo, tabellião, consta que João Esteves e sua mulher, Maria Martins, deram uma terra aos religiosos para se alargarem mais, com a obrigação de os encomendarem a Deus. Por outra escriptura, feita em setembro de 1250, João Pela-

¹ Allegada por fr. Jeronymo de Belem na *Chronica Seraphica*, parte I, pag. 28.



TEMPLO DE S. FRANCISCO, EM EVORA

gio Cordura e sua mulher, Mayor de Guimarães, doaram aos frades um lugar e outra terra junto à porta de Alconchel para estenderem mais o convento¹. Finalmente, por outra escriptura, que fez Domingos Martins em 22 de junho de 1280, Pedro Affonso, mercador, e sua mulher, Maria Soares, deram aos frades um campo contiguo ao convento para o mesmo fim, pelo amor de Deus e em beneficio de suas almas.

Foi tambem o convento, nos primeiros tempos depois da sua fundação, favorecido pelos monarchas portuguezes. D. Affonso III deixou-lhe em testamento cincoenta libras. D. Fernando e D. Duarte lhe deram terras e casas para se alargar. Alguns o protegeram com importantes privilegios e isenções.

Com estas e outras esmolas augmentou a casa dos franciscanos a ponto de lhe chamarem communmente *convento do ouro*. Que chegara a estender-se por boa parte da cidade é o que se deprehende das alludidas doações, e tambem de uma velha memoria manuscrita que andava n'um livro de pergaminho do côro por onde se cantavam as horas menores. Começa este curioso documento da maneira seguinte:

«Esta casa de S. Francisco de Evora quero aqui pôr o que tem para que os que vierem saibam o que é da casa. Esta casa tem por cerca da porta do Rocio até à porta do Reymondo, tomando pela rua dos Toiros abaixo até à porta. E tem este alpendre e todo o adro sagrado assim como são as claustras ambas e a igreja, e da banda do muro da cidade não é sagrada, posto que o seja o adro. A igreja era de sete naves, e no couce estava um côro muito honrado; e pégam no alpendre para cabêr a gente. A igreja de sete naves cahiu, e com esmolas a tornaram a fazer os padres de tres naves, e tornou a cahir com parte do alpendre, de que esta casa recebeu grande perda e damno, e reinou D. Affonso V, e houve grandes guerras com Castella...»

Não merece credito a historia do templo aqui referida, que os chronistas repetiram e a cidade

¹ Costa hoje a acreditar, se não commetteu algum erro quem copiou ou extractou a escriptura, que se podesse o convento de S. Francisco estender para a porta de Alconchel, muito distante da porta do Rocio, que é a que ao mesmo convento fica mais proxima. Como veremos adiante, no seculo xv chegava até à porta do Raymondo; porém d'ahi à porta de Alconchel vac ainda grande espaço. Convem advertir que, alargando-se pouco e pouco a cidade, e galgando os muros que em tempo dos romanos e dos arabes a cingiam nas alturas da collina, vieram as portas que el-rei D. Fernando abriu nos que de novo edificou a affastar-se muito das que antecederamente existiam, senão, portanto, possível que no seculo xiii houvesse uma porta de Alconchel mais proxima do sitio do convento.

Todas as alludidas doações cita-as o auctor da *Chronica Seraphica*, e declara acharem-se authenticadas na Torre do Tombo. Deprehende-se da cota marginal que foram colligidas por fr. Rodrigo de S. Thiago.

conserva em tradição. Admittir que em pouco mais de dois seculos os frades, tendo principiado em grande pobreza, alevantassem uma igreja de sete naves, não tendo mais de cinco as maiores da christandade; que no mesmo espaço de tempo caísse por terra, fosse reedificada e tornasse a cair; que os religiosos a conservassem depois em ruinas muitos annos, á espera que a real munificencia lh'a reconstruisse, tudo isto é o mesmo que inverter a ordem natural dos factos, e começar por onde se deveria acabar. Baldadas diligencias nos parecem, pois, as que pozeram alguns escriptores em conservar este glorioso brazão à ordem de S. Francisco e à cidade de Evora.

(Continúa)

A. Filippe Simões.

O GRANDE BAZAR DE CONSTANTINOPLA

(Concluido do n.º antecedente)

Outro bazar para se vêr é o dos fatos velhos. Aqui assentaria Rembrandt o seu domicilio e gastaria Goya a sua ultima *peceta*. Quem nunca viu uma loja de adelo oriental, não pôde imaginar que extravagancia de farrapos, que pompa de côres, que ironia de contrastes, que espectáculo a um tempo carnavalesco, lugubre, asqueroso, apresenta este bazar, esta cloaca de trapos em que todo o refugo dos harens, dos quartéis, da côrte, dos theatros, vêm esperar que o capricho de um pintor ou a necessidade de um mendigo os leve de novo para a luz do sol. De compridas varas espetadas nas paredes pendem velhos uniformes turcos, casacas de cauda de andorinha, dolmans de grãos-senhores, tunicas de derviches, capas de beduinos, tudo sebento, esfarpado, e esburacado, parecendo que tudo foi crivado de punhaladas e lembrando os despojos sinistros dos as-

sassinios que se vêem nas mezas dos tribunaes. No meio d'esses trapos scintilla ainda ás vezes aqui e acolá algum arabesco de ouro; pendem velhos cintos de seda, turbantes soltos, ricos chailes lecerados, coletes de veludo, a que parece que a mão furiosa de um ladrão arrancou a um tempo o pello e as perolas, calças e veus que pertenceram talvez a alguma favorita infiel, que dorme cozida n'um sacco no fundo das aguas do Bosphoro, e outras vestes e enfeites de mulher, de mil côres gentis, presos entre os grossos caftans circassianos, de cartuxeiros enferrujadas, entre as longas tunicas negras dos judeus, entre os grosseiros casacos e os pesados mantos, que esconderam sabe Deus quantas vezes a espingarda do bandido e o estylete do sicario. Ao anoitecer, á luz mysteriosa que desce das aberturas da abobada, todas aquellas vestimentas penduradas tomam uma vaga apparencia de corpos de enforcados; e, quando no fundo de uma loja se vêem scintillar os olhos astutos de um velho judeu, que coça a testa com a mão adunca, dir-se-hia que foi aquella mão que deu os nós fataes, e olha-se para a porta do bazar com medo de que esteja fechada.

Não bastaria um dia de giros sem conto se se quizessem vêr todas as ruasitas d'aquella cidade. Ha o bazar

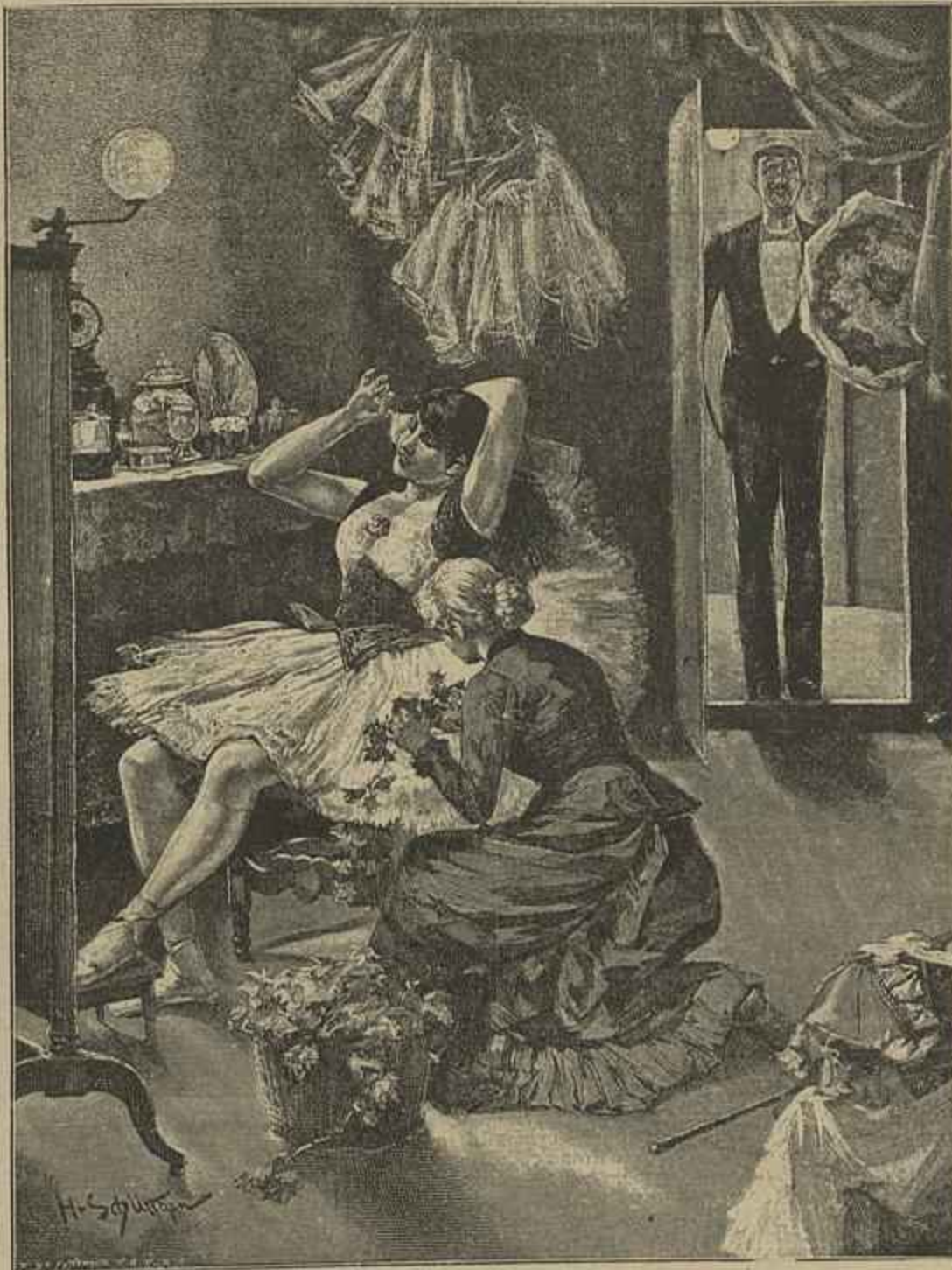


TYPUS DE MADRID — O RATA

dos fez, onde se encontram fez de todos os países, desde os de Marrocos até aos de Varna, ornados com inscripções do Koran que preservam dos espiritos malignos; os fez que as bellas gregas de Smyrna trazem no alto da cabeça, sobre o laço das tranças negras scintillantes de moedas; os barretinhos vermelhos das turcas; fez de soldados, de generaes, de Sultões, de tafues, de todos os cambiantes do vermelho, e de todas as fórmãs, desde as fórmãs primitivas dos

zar dos fiandeiros de oiro, o dos bordadores, o dos alfayates, o das quinquilharias, o da louça, todos diversos uns dos outros em fôrma e em gradação de luz, todos iguaes n'uma coisa: em se não vêr nem a vender nem a trabalhar uma unica mulher. Quando muito pôde acontecer que alguma grega sentada por um momento diante de um estabelecimento de alfayate nos offereça timidamente um lenço que acabou de bordar. O ciueme oriental prohibe ao bello sexo a estada nas lojas,

ra, torna-se a passar por outros pateos illuminados com lanternas, desce-se ainda para debaixo da terra, sobe-se de novo para a luz do dia, caminha-se de cabeça baixa por uns longos passadiços serpeiantes, debaixo de abobadas humidas, no meio de muros negros e de taboados musgosos, que vão ter a portinhas secretas, d'onde se volta inesperadamente para o sitio d'onde se partio; e por toda a parte sombras que vão e que vêm, espectros immoveis nos cantos, gente que revolve



NO CAMARIM DA DANÇARINA

tempos de Orkhan até ao grande fez elegante do Sultão Mahmud, emblema das reformas e abominação dos velhos musulmanos. Ha o bazar das peliças, onde se mostra a sagrada pelle de rapoza negra, que outr'ora só podia ser usada pelo Sultão ou pelo grão-vizir, a marta com que se forravam os castans de gala; as de urso branco, de urso preto, de rapoza azul, o astrakan, o arminho, a zibellina, em que muitas vezes os Sultões gastavam sommas fabulosas. E tambem muito para se vêr o bazar dos cutileiros, ainda que não seja senão para pegar n'uma d'aquellas enormes thesouras turcas, com as laminas bronzeadas e doiradas, adornadas com desenhos de passaros e flôres, que se abrem ferinamente em cruz, deixando no meio um intervallo, onde poderia entrar a cabeça de um critico maligno. Ha tambem o ba-

por serem estas uma escola de garridice e um ninho de enredos amorosos.

Mas ha ainda outras partes do grande bazar, onde não pôde aventurar-se um estrangeiro se o não acompanhar um mercador ou um corretor; são as partes internas dos pequeninos bairros em que se divide esta cidade singular, o interior dos pequenos quarteirões, emtorno dos quaes giram as ruasinhas percorridas pela multidão. Se n'essas ruas é difficil a gente não se extraviar, lá dentro é impossivel. De corredores pouco mais largos do que um homem, em que é necessario irmos curvados para não batermos com a cabeça na abobada, sae-se para uns pateosinhos do tamanho de umas cellas, atulhados com saccoes e caixotes, apenas illuminados por um vago lusco fusco; desce-se ás apalpadellas por umas escadinhas de madei-

mercadorias ou que conta dinheiro; luzeiros que apparecem e desaparecem, vozes e passos apressados que soam não se sabe onde; e encontros inesperados de negros obstaculos que não se comprehende o que sejam, e jogos de luz nunca vistos, e contactos suspeitos, e cheiros estranhos, que chega a parecer que giramos pelos meandros de uma caverna de feiticeiros e não vemos modo de nos vêrmos de ali para fóra.

Habitualmente os corretores fazem passar por estes sitios os estrangeiros para os levar áquellas lojas, mais afastadas, onde se vende um pouco de tudo, especie de Grande Bazar em miniatura, lojas de adelos afidalgados, curiosissimas de se vêrem, mas muito perigosas, porque encerram tantas e tão raras coisas que são capazes de fazer despejar a bolsa á avareza em pessoa. Estes mer-

cadores de um pouco de tudo, trapaceiros matriculados, subentende-se, e polyglottos como os seus irmãos de quadrilha, usam para tentar a gente um certo processo dramatico que não deixa de ser divertido, e que raras vezes lhe falha. As suas lojas são quasi todas umas casitas escuras cheias de caixas e de armarios, onde é necessario accender luz, e onde quasi não ha espaço para uma pessoa se mexer. Depois de nos terem mostrado alguma velha papelaria marchetada de marfim e de madreperola, alguma porcelana chinesa, algum vaso do Japão, diz-nos o mercador que tem umas coisas especialissimas para nós, tira para fóra uma caixinha e despeja em cima do balcão um monte de frioleiras: um leque de pennas de pavão, por exemplo, um bracelete de velhas moedas turcas, uma almofada de lã de camello com a cifra do Sultão bordada a ouro, um espelhinho persa pintado com uma scena do livro do paraíso, uma espátula de tartaruga com que os turcos comem compota de gijas, um velho e grande cordão da ordem de Osmanie. Não ha coisa alguma que nos agrade? Despeja outra caixinha, e essa é que estava positivamente só á nossa espera: É um dentepartido de elephant, um bracelete de Trebizonda que parece uma trança de cabellos de prata, um idolosinho japonês, um pente de sandalo de Meca, uma grande colher turca, lavrada com arabescos e recortes, um narghilé de prata dourada e lavrada, pedrinhas dos mosaicos de Santa Sophia, uma penna de garça real que ornou o turbante de Selim III, como o mercador nol o assegura debaixo da sua palavra de honra. Nada encontramos que seja do nosso gosto? Despeja outra caixa, d'onde tira um ovo de avestruz do Senaar, um tinteiro persa, um anel adamasado, um arco de Mingrelia com a sua aljava de pelle de gazella, um capacete circassiano com duas pontas, um objecto de jaspe, um perfumador de ouro esmaltado, um talisman turco, uma faca de conductor de camellos, uma boceta de *atar-gull*. Não ha nada que nos tente por Deus? Não temos presentes a dar? Não pensamos nos nossos parentes? Não temos coração para os nossos amigos? Mas talvez tenhamos a paixão dos estofos e dos tapetes, e tambem elle n'isto nos pôde servir como amigo. — Aqui está um manto com riscas do Kurdistan, milord; aqui está uma pelle de leão, um tapete de Alepo com pregaduras de aço, aqui está um tapete de Casa-Branca, com tres dedos de espessura, e que dura quatro gerações, garatido; aqui estão, excellentissimo, as velhas almofadas, os velhos cintos de brocado e os velhos cobertores de seda, um pouco desbotados e um pouco esfarpados, mas bordados como já hoje se não bordam, a não ser que se paguem com um thesouro. Ao *caballero*, que veio aqui conduzido por um amigo, dou-lhe este velho cinto por cinco napoleões, e resigno-me a comer pão e alho uma semana inteira. Se nem mesmo com isso nos deixamos tentar, dir-nos-ha ao ouvido que nos pôde vender a corda com que os terriveis mudos do Serralho estrangularam Nassuh Pachá, o grão-vizir de Mahomet III; e, se nos rimos na cara d'elle, dizendo-lhe que essa não engulimos nós, não insiste como homem esperto que é, e faz a ultima tentativa atirando para diante de nós uma cauda de cavallo d'aquellas que se levavam adiante e atraz dos pachás; uma marmitta de Janizaro, que sua pae trouxera para casa ainda salpicada de sangue, no proprio dia da matança; um pedaço de uma bandeira da Crimea com as meias-luas e as estrelhinhas de prata; uma bacia de lavar as mãos, marchetada com agathas; um bracelete de estanho cinzellado, uma colleira de dromedario com as conchinhas e os guizos, um chicotinho de enucho, de coiro de hyppopotamo, um alcorão encadernado a ouro, uma charpa do Korassan, um par de chinellos de Cadina, um castiçal feito com a garra de uma aguia, tanto que afinal a phantasia accende-se, pulam os caprichos, e assalta-nos uma doída vontade de atirar para ali bolsa, relógio, gabão, e de gritar — Carreguem-me! e é necessario sermos deveras uns rapazes de tino ou uns paes com juizo para resistirmos á tentação. Quantos artistas saíram d'ali depennados como Job e quantos ricassos ali deram fortes rasgões no patrimonio!

Mas antes que o bazar se feche precisamos ainda de dar um giro para ver o seu aspecto da ultima hora. Torna-se mais apressado o movimento da turba, os mercadores chamam com gestos mais imperiosos, gregos e armenios correm gritando pelas ruas com um chaile ou um tapete nos braços, formam-se grupos, ajusta-se á pressa, os grupos dissolvem-se e tornam-se a formar mais adiante; os cavallos, os carros, os animaes de carga passam em longa fila em direitura á sahida. A essa hora todos os logistas, com quem litigamos sem chegarmos a accordo, volteiam em torno de nós, n'aquella meia escuridão, como uns morcegos; vemol-os

á espreita por traz das columnas, encontramol-os a cada volta da ruas, atravessam-se adiante de nós, pisam-nos os pés olhando para o ar, afim de nos lembrarem com a sua presença um certo tecido, uma certa phantasia, e fazer-nos renascer o desejo. As vezes caminhamos com uma esquadra d'elles ás costas; se paramos, param, se viramos uma esquina, viram a esquina, se nos voltamos encontramos dez olhos dilatados e fitos que nos comem vivos. Mas já vai escasseando a luz, e rareando a multidão. Por baixo das longas abobadas arqueadas resôa a voz de algum mezzum invisível que annuncia o pôr do sol n'um miranete de madeira; algum turco estende o tapete diante da loja e murmura a oração da tarde; outros fazem as abluções nas fontes. Já os velhos centenarios do bazar das armas fecharam as portas; os pequenos bazares estão desertos, os corredores perdem-se nas trevas, as embocaduras das ruas parecem aberturas de cavernas; os camellos dão-nos de improviso uns encontros nas costas, morre debaixo das arcadas longinquo a voz dos vendedores de agua, as turcas apressam o passo, os enuchos aguçam os olhos, os estrangeiros escampam-se, fecham-se as portas de todo, está o dia acabado.

E. de Amicis.

PORTUGAL EM 1760

Cartas Familiares
de José Barzetti, traducidas do italiano

XIII

Lisboa, 13 de setembro de 1760.

Ainda não são nove horas da manhã, e já aqui estou outra vez, prompto a falar-vos de Mafra e de Cintra.¹

Era noite fechada quando chegámos a Cintra, onde ha apenas uma hospedaria ingleza sustentada por uma sociedade de negociantes de varias nações, que vão de Lisboa para lá passar o verão, ou comprar laranjas e limões, que Cintra e seus arredores produzem em grande abundancia. Quiz a nossa má fortuna que as camas da dita hospedaria estivessem já todas occupadas á nossa chegada, e por isso tive de dormir aquella noite no mencionado colchão. O sr. Eduardo fez má cara, por haver só outro colchão para elle; mas eu recordei-lhe as camas dos capuchinhos italianos de Lisboa, e disse-lhe que, se queria um dia chamar-se o padre Eduardo de Wisbich,² carecia de acostumar-se na hospedaria de Portugal a pôr a paciencia á prova. Riu-se, deitou-se e adormeceu, porque tinha a barriga bem cheia; porquanto, se a respeito de cama não estava bem n'aquella noite, de ceia não tinha ficado mal. Na manhã seguinte foram-se visitar os dois já descriptos conventos de Nossa Senhora da Pena e o das covas na terra de Cintra, e, tendo-se a esta regressado cedo, houve tempo de ver um palacio antigo do rei, situado a curta distancia da hospedaria. A sua architectura é de um gotico diverso de todos os goticos que jámais tenho visto; e, arruinado pelo terremoto em quatro quintas partes, d'elle pouco resta para ver. Ha uma sala grande que tem pintados no tecto cysnes de tamanho natural, com corôas de ouro no collo, outra com gaios ou pégas, tambem pintadas no tecto, e cada péga tem escripto ao pé: *Por bem*. E, como aquella ave em portuguez é péga, unindo o seu nome áquelle mote, fica *Pega por bem*, e estas palavras referem-se em ar de gracejo a não sei que aventura amorosa succedida ha seculos n'aquelle logar, e cuja memoria se quiz perpetuar com esse fraco equívoco. Outra sala tem no tecto pintados veados, que trazem em cima varias armas ou brazões de familias portuguezas nobres; e faço idéa de quanto felizes são os que teem as suas armas pintadas no dorso d'esses veados. Os pavimentos e as paredes d'aquellas salas são de marmore de diversas côres. Ha uma sala ao rez do chão que tem uma fonte, e por muitos orificios praticados no muro, antes do terremoto arruinar o palacio, esguichava, quando se queria, muita agua para molhar alguém que alli estivesse e fazer rir os espectadores. Grandes invenções teem tido os homens para fazer rir uns á custa dos outros! effeito da soberba e da maldade que penetrou em nossos corações juntamente com o peccado original. Lindo panorama se gosa da sala dos veados, porque a vista abrange grande extensão de ter-

¹ O seguimento d'esta carta até o fim e parte da seguinte acha-se publicada no volume XVI, n.º 596, pag. 11 a 14 do OCCIDENTE.

² Naturalidade de Eduardo.

ras. O resto do tal edificio, como disse, está todo deteriorado e quasi todo em ruinas. Estão agora a reparal-o, e parece que o querem restituir ao seu estado primitivo. O real convento de Mafra é que não veio a baixo, nem ao menos em parte, por causa do terremoto, como succedeu a tantos outros edificios de Portugal. Nem sequer soffreu algum ligeiro damno. E cousa é extraordinaria ver entre outras cousas o pedestal das duas columnas á entrada da sua igreja fendido por effeito da inclinação d'ellas. Mas é um edificio tão solido e tão fortemente unido em todas as suas partes que, embora fosse abalado, ou antes como a canna ao vento, saccudido para a direita e para a esquerda, duas ou tres vezes pelo oscillar do solo, só com o firmar-se a terra, aquella enorme fabrica tornou a ficar perpendicular. E digamos tambem que, por felicidade, o terremoto não foi tão violento em Mafra como em Lisboa e Cintra, pois, de outra sorte, ai dos trezentos padres de missa e dos cento e cincoenta conversos! Já me despedi de Mafra; agora me despeço de Cintra, de sua amenissima estancia e dos innumerables buracos dos pombos que adornam o tecto do sobredito palacio gotico, e das montanhas que lhe estão a cavalleiro; e a vós, meus irmãos, dou as boas noites na forma do costume, parecendo-me ter escripto quanto basta por hoje. Saúde é o que vos desejo.

Alberto Telles.

ODOARTE, O LEAL CAVALLEIRO

Romance... mui veridico

POEM

H. KLEIN

(Continuado do numero antecedente)

A arreliada donzella franziu um tanto o nariz. Pareceu-lhe mais que duvidoso tal cumprimento e, para dizer alguma coisa, perguntou:

— Não será indiscrição da minha parte, indagar d'onde vem?

— Das margens do lago de Atter, onde vim passar o verão. Fiz um rodeio e tomei pela encosta da serra. — E' um extirpado, e, por todo o caminho, não consegui encontrar a mais modesta e insignificante locanda.

— Mas o sitio é lindissimo.

— Lá isso é. — E olhe que sou o que se pode chamar um apaixonado da natureza. Dou cada caminhada! Ando sempre por montes e valles; sou capaz, creio, de trepar aos carrapitos da lua, mas declaro-lhe que é mais com o fito de fazer exercicio do que por amor da paisagem. Que a respeito de pontos de vista, minha rica senhora, aqui para nós, todos me parecem o mesmo... montes e mais montes, de vez em quando um chalet, uma cabana a deitar fumo... ao depois, outro monte... e ora ahí está.

A pobrezinha da Augusta estava em braza.

— E' incrível! Incrível, a meu ver, pelo menos, que possa haver alguém n'este mundo, insensível, indifferente aos encantos da natureza. Subindo á mais alta cumeada de uma serra, e d'ali, espraçando a vista pelo vastissimo horizonte, quem haverá que se não sinta pequeno, infimo, perante a immensidade do universo, perante a grandeza, a sublimidade do Creador, e não experimente em si proprio, como que o effeito de uma superior revelação.

— Tudo isso é muito bom, muito bonito; respondeu placida e friamente o seu interlocutor; — não digo o contrario e admiro até o seu entusiasmo; eu, porém, infelizmente, não senti nunca impressões d'essas.

Augusta meneou a cabeça com ar despeitado.

— Compreendo perfeitamente, retorquiu o senhor João, que lhe devo parecer o mais refinado hereje, e comtudo, a mim proprio mentiria, se acaso, imitando aliás muito boa gente, eu me quizesse enculcar como ardente admirador da natureza, sem o ser effectivamente; sem sentir uma unica palavra do que estivesse afirmando. Ou então, acha antes que a deva illudir, fingindo compartilhar o seu entusiasmo, no intuito unico de a lisonjear, de lhe ser agradavel?

Augusta corou, pensando, de si para si, que se elle tal fizesse, não era, ainda assim, favor nenhum, e retorquiu:

— Realmente, não me parece que, da parte de quem pretenda agradar a uma dama, isso represente esforço por ahí além... E o senhor mesmo, quando lhe chegar a sua vez, quem sabe se não irá ainda mais longe?... Não se me dava de apostar, até, que fará o mesmo que os senhores ho-

mens fazem todos. — viram-se de dentro para fóra. — Todos elles falhadas mansas, ar meigo... requintada hypocrisia, afinal.

Estas palavras foram despedidas em tom acerbo e o hospede entrou a rir com muito gosto, circumstancia que, para a nossa heroína, envolvia mais uma decepção.

— Não me proponho sair a campo em defeza do sexo feio, disse elle. — Em taes casos, vale-se cada qual dos meios ao seu alcance; e não serei eu que vá taxar de hypocrisia o pretendente que, appellando para seus recursos de diplomata, logrou attrahir a attenção de dois formosissimos olhos. Mas, para mim, esse perigo não existe, simplesmente porque nunca me quiz enculcar por melhor do que sou. A maioria dos homens tem a balda de encubrirem defeitos, que o tempo, abás, vem a descobrir... e o proximo... ou a proxima, dá pelo engano. E com isso, que se ganhou? — As imperfeições, mais tarde ou mais cedo, apparecem — não quero que ninguem se illuda a meu respeito.

Eu bem conheço que me poderá acontecer, mais de uma vez, vir a ser prejudicado por este meu excesso de franqueza, qualidade, ou defeito, de que não procuro emendar-me, porque cada qual é como Deus o fez, e nem por isso vivo muito descontente com o feitiço que me coube em sorte. Portanto, digo e repito, minha senhora, que o monte Traunstein... e um monte como qualquer outro monte... e o lago em que elle se mira um lago como todos os lagos, cuja agua acho excellente para tomar banho — supposto haja quem prefira ir, a noite, ouvir a cantidna das rãs, e voltar para casa muito feio com a cara inchada como um pão d'arratel, pelas mordedelas das melgas e dos mosquitos.

Ergueu-se, d'improviso, a donzella, amofinada pelo resultado negativo da sua vehemente objurgatoria. Vibrára, com effeito nullo, essa arma terrível, tremebunda nas delicadas mãos do bello sexo — a *coquette*! Dentro da algibeira os dedos franzinos, transformavam, com febril impaciencia, em rodilha o lenço bordado.

Resentiu-se, e não pouco, a donzella, de tão inconveniente ironia; percebeu, porém, que elle, por mais que quizesse, não poleria ter mão na lingua.

— Visto que tanto preza a franqueza, replicou Augusta, de certo não levara a mal que lhe declare quanto me parecem prosaicas as suas apreciações. Quem não sente dentro n'alma a poesia, não a encontra nem a percebe nas circumstancias da vida. O sublime encanto da natureza, só o entende quem tem alma para o sentir. — E d'ahi, sabe que mais... deploro o seu estado de espirito!

Disponha-se o visitante a replicar, pouco ou nada impressionado, aliás, pela vehemente e formosa expansão da entusiastica donzella; eis, porém, que a varanda assoma o conselheiro. Ergue-se João Johannisberg, dispondo-se a apresentar ao dono da casa a sua interessante pessoa. Augusta cumprimentou o hospede, inclinando levemente a cabeça, e desapareceu.

Este homem, á força de ser vulgar e positivo, inspirava-lhe repulção; nem podia, por mais tempo, tolerar-lhe a visinhança. — Não!... durante o resto do tempo, que durasse a visita, fizesse-lhe o pae as honras da casa. Ella é que não queria mais conversas com esse sujeito que, pela inferioridade dos sentimentos, merecia apenas ser contado no numero dos entes da infima especie. Nem o queria tornar a ver! E demais, a gelida e ceremoniosa mesura que á despedida lhe fizera, tirar-lhe-hia decerto, a elle, quaesquer duvidas, a tal respeito. Desceu para o jardim e foi sentar-se debaixo do carramanchão, tencionando acabar um bordado qualquer. Fazia ali mais calor do que lá em cima, na varanda, é certo; preferia, comtudo, arrostar com inconveniente de tão pouca monta, pois d'este modo evitava outro maior.

Augmentava, e não pouco, sua impaciencia, a convicção de que o tal senhor João Johannisberg se não tinha ainda ido embora. Vira passar o creado, levando para a varanda um segundo almoço — ora, dava-se o caso do chanceller ser moço — ora, dava-se o caso de observar dieta rigorosa e, portanto, claro estava que o filho unico do seu amigo de infancia, para variar, sentia de novo necessidade urgente de alentar as forças á sua interessante e insaciavel pessoa.

— Forte comilão! — repetia, a meia voz. — Se ha coisa que eu aborreça, é a intemperança. — Ainda bem que conseguí escapar a assistir de novo, opprimida e contra vontade, áquelle horror, a ver aquillo, para ali, a tasquinhar sem destino! — Benza-o Deus! Até podia ganhar a sua vida a dar sessões de gastronomia, pelos theatros.

— Deu-lhe vontade de rir a ideia e o seu estado de agitação socego algum tanto, recrudescendo,

comtudo, por ter apparecido a criada que vinha chamal-a, em nome do papá, para ir ter com elle á varanda.

Meu dito, meu feito! — Lá estava o senhor João Johannisberg, outra vez, á meza, todo azafamado: ovos, café, sandwiches, subvertiam-se como por arte de berliques e berloques, e de vez em quando, um apóz outro, engulia copinhos de vinho branco — para variar o programma.

— Augustinha, meu amor, exclama o papá. — Apresento-te o senhor João Johannisberg, filho unico d'um amigo da minha infancia, a quem consagro verdadeira estima; deu-me o alegrão de aceitar o meu convite, e vem passar uns dias connosco. Bem podes tractar de dar ordem ao jantar, e que seja coisa em termos, pois vejo, com prazer, que o meu juvenil amigo dispõe de excellente quanto invejavel appetite: até dá gosto vê-lo comer. Olha, não te esqueça, manda arranjar para o nosso estimavel hospede o quarto vermelho.

Augusta ficou sem pinga de sangue e susteve, a custo, qualquer signal de contrariedade. Santo Deus! ter de supportar durante alguns dias a presença de semelhante monstro! — Pensamento horrível! — Tentou convencer-se de que não tinha ouvido bem — eis, porém, o triste realidade! — que a tal parodia do seu cavalleiro Odoarte, vem interromper-lhe a ansiosa cogitação e voltando-lhe um olhar de maliciosa ironia, exclama:

— Não se assuste, por quem é, minha senhora, é apenas por dois ou tres dias... E, comquanto o prazo seja curto, é de esperar que consiga, que eu venha a adquirir a apreciação do Bello!

Não escapou á nossa Augusta o duplo sentido de taes palavras, ella, comtudo, é que não estava de mare para gracejar. Balbuciu uma phrase de méra convenção, e, a pretexto de ir dar ordem ao serviço, tractou quanto antes de evitar a presença do comilão.

— Pois não querem saber? — Augusta, assim que se viu só, não pregou com um prato de porcellana, em bocadinhos, no meio do chão? Vinha tão fóra de si, que se não fosse aquelle desabafo não sei o que seria! — Quem teve que contar foi a Martha, seu quartel mestre, seu braço direito.

— Mas tambem para que se lembrou aquella desastrada de ir por um prato á borda da meza, ao alcance de certa mãozinha, branca, tão nervosa, tremula e contrahida.

(Continúa).

Pin-Sél (trad.)



REVISTA POLITICA

No meio d'esta paz octaviana que disfructamos, d'esta vida pacata e mole, estenuada pelo calor, quando as viligiaturas começam e a politica dorme a sesta á sombra da amendoeira, como o diabo á espera do sorodio fructo eis que rebenta uma bomba, não sabemos bem onde, muito longe d'aqui, pelo que se disse, mas cujos effeitos, apesar da lonjura, se fizeram sentir n'este cantinho como se nos tivesse rebentado em casa.

Os echos d'esse extranho caso vieram repetir-se em algumas folhas de Lisboa e do Porto e logo tocou a rebate na velha Pareirinha, d'onde se expediram intimações de suspensão aos jornaes que tinham quebrado o silencio que a lei impunha sobre acontecimentos de tal natureza.

Pois quê, a lei tinha de cumprir-se?! perguntaram os contraventores; e o publico buquiaberto commentou surprehendido o caso de se cumprir uma lei!

No dia seguinte os jornaes suspensos reapareceram com a supressão de alguns do ou o augmento de alguns á nos titulos e romperam em comentarios mais ou menos apimentados, uns de troça, outros a serio, porque a auctoridade tinha feito acatar a lei, na justa defeza dos direitos e bem estar da sociedade para o que a mesma lei tinha sido creada.

Quem perde com isto? Quem se pode queixar?

To los que tem que perder lucram com esta lei embora ella, á primeira vista, pareça menos acertada; quando porem se tornar universal, por lhe reconhecerem a utilidade, o que, talvez, não tarde muito, não se dirá que Portugal foi menos previdente procurando evitar a propagação d'um mal que está inquietando todas as sociedades.

Quiz-se argumentar com as folhas estrangeiras

que ainda publicam noticias d'aquella especie e que são lidas no nosso paiz, mas o argumento não colhe porque essas folhas estrangeiras são lidas por um numero limitado de pessoas, que não serão decerto as que mais se deixarão influenciar por aquella leitura.

Sempre temos reprovado em nosso intimo, porque de resto não pretendemos emendar o mundo, o reclamo, que, em geral, os jornaes fazem aos crimes que se commettam por esse mundo fóra, esforçando-se em pormenores de *reportage*, como se se tratasse de obras meritorias, de salutar exemplo e proficua utilidade.

Ainda não ha muito se deu com os suicidios um exemplo frisante, tão frisante, que talvez tivesse influencia no espirito da lei de 13 de fevereiro.

Todos os dias se repetiam os suicidios na capital, e alastravam-se já pelas provincias, muitos até em circumstancias tão semelhantes, que mais pareciam imitações do que actos espontaneos da vontade propria.

Isto impressionou o publico, onde principiou a manifestar-se e a crear vulto a opinião de que as noticias de suicidios publicadas nos jornaes, tinham uma influencia muito directa sobre os espiritos doctos e apreensivos de muita gente, predispondo-a para aquelle acto de desespero ou loucura.

Assim o compreenderam tambem alguns jornalistas que, vindo a um accordo, resolveram suprimir das suas folhas as noticias de suicidios. Os resultados d'esta supressão não se fizeram esperar muito; os jornaes raro apontam casos de mortes violentas com que desfarçam as noticias de suicidios, que uma vez ou outra figuram nas partes de policia.

Este facto devia ser exemplo e lição para muitos outros, que não pouco prejudicam a sociedade pelo excesso e promonores de publicidade, mas, repetimos, não pretendemos emendar o mundo, o que não quer dizer que não mantenhamos firmes as nossas convicções sobre o que é liberdade de imprensa ou abuso e desorientação.

Se ninguem pôde alegar ignorancia ou esquecimento da lei, muito menos o podem ignorar aquelles que, na imprensa discutem e criticam as leis que os governos decretam ou que o parlamento approva, e sendo assim como se explica a poeirada que se levantou por causa da execução de uma lei decretada, por assim dizer, ha dois dias e que foi feita na intenção de a todos beneficiar, sem afrontar nem prejudicar ninguem?

E tem sido esta poeirada o entretenimento dos politicos e do publico, n'estes ultimos dias, em que não faltou o indispensavel manitesto ao paiz, invocando casos e precedentes pouco a proposito para a questão de que se trata.

Com alguma coisa, enfim, se hade encher as columnas dos jornaes, n'esta quadra em que ha tão pouco que dizer.

Se não fór isto, são as intrigas da India, que, em vez do chá e da loiça que d'antes nos mandava, faz exportação de petas de effeito, ainda que, valha a verdade, algumas tem sido cá forjadas com muita arte e manha.

João Verdades

NECROLOGIA

ALFREDO ALVES

Um excellente coração, uma alma franca e leal, um caracter justo e immaculado, um espirito lucidissimo e progressivo, tal era em resumo o talentoso rapaz que em 29 de abril passado se finou no Porto, victimado por uma doença que ha mezes lhe vinha minando, surda e lenta, o organismo. Alfredo Alves possuia uma vasta e solida erudição, uma intelligencia culta e bem orientada que lhe reservava um brilhante futuro. Mas era tambem um modesto e modestamente trilhou a vida. Nascera, em Coimbra, a 22 de fevereiro de 1866. Muito cedo orphão, recebeu-o como filho e votava-lhe o mais acrisolado carinho seu tio Joaquim d'Oliveira Guimarães, para quem a perda do moço escriptor foi um rude golpe, ferida que lhe ha de sangrar eternamente. Que perdas da ordem d'esta são miludiveis.

Todos o consideravam filho do Porto. Alfredo Alves orgulhava-se d'isso e em verdade, tendo ido para aquella cidade aos seis annos, trabalhado ali incessantemente, é bem uma gloria d'ella. Estudara para medico, «mas o pavor dos estudos anatomicos» acabou por o dissuadir. Seguiu então o curso de engenharia mas ao chegar ao 3.º anno, teve que suspender. Empolgara-o a *nevropathia*.



ALFREDO ALVES

FALLECIDO EM 29 DE ABRIL DE 1896

Alfredo Alves recolheu-se a «remanso restaurador» e principiou a ver-sejar, como o disse em carta a um nosso collega. Versos de uma deliciosa e sentida tristeza, exhalando-se ternamente em suaves perfumes, como as *Folhas d'Hera* e *Melancolia*, versos muito pessoais, sem escola,— e assim deixando coar-se uma personalidade propria, muito sua.

Muito estudioso, começara a frequentar bibliothecas e archivos e fez-se investigador. Tentou o romance historico, escrevendo *Um pintor da Renascença* e *Maria O'Brilens* que teve duas edições e foi publicado em Lisboa em *O Reporter*. Apresentou-se no concurso da memoria historica sobre o Infante D. Henrique e o seu trabalho, que se encontra impresso em volume, conquistou o primeiro premio. Por occasião do centenario antonino, publicou uma outra memoria intitulada *Santo Antonio, conego regrante*.

Em começo do anno corrente, dera a lume um novo livro de versos, uma colleção de lindissimos sonetos, *Flores de Outomno*, de uma technica pura e factura deliciosa, com um pronunciado sabor classico. E ainda ferida a nota melancolica, como nem podia deixar de ser. O poeta presentia já o desabar fatal de sua existencia e aquelle primoroso volume de lyricas foi como que o ultimo dedilar das cordas da lyra a breve trecho estalada.

Alfredo Alves, deixou, pois, uma obra litteraria de muito valor, em que evidenciara um notavel talento, um espirito pujantissimo de litterato e de investigador incansavel. Nós que tinhamos a honra da sua amizade, que lhe apreciavamos as bellas qualidades, aqui deixamos estas linhas de homenagem, como petalas de rosas que fossêmos desfolhar por, sobre a sua campa. Descança em paz, amigo sempre lembrado com saudade.

Lisboa—Junho, 1896.

Decio Carneiro.

ANTONIO PORTUGAL

Foi um dos fundadores da agremiação scientifica *Instituto 19 de Setembro*, onde era professor de inglez e desenho linear.

Instruido, de um tracto verdadeiramente captivante, Antonio Portugal era um bom artista dramatico e um cantor distincto.

Falleceu no Pará para onde tinha ido em 4 de maio de 1895.

Contava apenas 45 annos, pertencia a uma familia modesta porém honestissima.

Antonio Portugal debutou n'uma recita de curiosos em Coimbra; apaixonado pela Arte, essa Deusa que muitas vezes, como Saturno, devora os proprios filhos, Portugal dedica-se especialmente ao canto e entra abertamente na carreira theatral.

Extreia-se no, hoje, extincto theatro das Variedades do Porto e logo se viu que o mundo musical possuia um cantor de futuro largo, pelo muito que estudara e pelo muito que promettia. Não havia que duvidar Portugal dava a Portugal um novo artista.

Em 1878 passa a Lisboa e é contratado para o theatro da Trindade.

Ahi o vimos pela primeira vez no *Gentil Duois*, depois na *Filha do inferno*, nos *Dragões de Villars*, *O duquezinho*, *Péricole*, *Toutinegra do*



ANTONIO PORTUGAL

FALLECIDO NO PARÁ, EM 5 DE MAIO DE 1896

Templo, *Madame Favart*, *Moleiro de Alcalá*, *Dragões de El-Rei*, *Amor molhado*, *Coração e mão*, *Cavalleiros Andantes*, *Bocaccio*, *Angot*, *D. Cesar*, *Guerra alegre*, *Gato preto*, *Barba azul*, *Dolores*, *Ponte dos suspiros*, *Os 28 dias de Clarinha*, *Almas do outro mundo*, *Sal e Pimenta*, etc.

Era elle uma d'estas pessoas que logo ao primeiro encontro se insinuam, pela graça da physionomia, pela expressão affectuosa, pela voz musical que se traduz em harmonias que dizem sentimentos altruistas...

Quando elle fallava dos filhos!...

Faz uma grande falta aos bons, porque era exemplo d'elles.

Tive sempre por este indefeso trabalhador uma tão pronunciada estima, uma tão sincera admiração pelo seu talento que muitas vezes duvidei de mim,— isto é se essa amizade, se esse modo de estimar, não seria a satisfação pessoal de ver n'elle sentimentos, que me prezo tambem de possuir, e que tanto desejava ver nos que andam transviados da estrada do Bem.

Não era só por ser amigo d'elle. É que valia bem essa admiração.

O seu ideal politico era o que ha de mais bello e mais attrahente, porque n'elle se consubstancia a Ideia de Deus e da Patria.

Coração como o d'elle não podia sentir amor por outra bandeira.

Quando tive noticia da catastrophe, da morte de Antonio Portugal, estava eu bem doente; com tudo parece que a dor me galvanizou e consegui ainda escrever uma carta ao diario, órgão do partido que elle tanto honrava, a *Gazeta* legitimista hoje substituida pela *Nação*,— n'essa carta affirmava eu o facto de Portugal ter merecido, sempre com justiça, a consideração do augusto filho de El-Rei D. Miguel I pois procurou, atravez de todos os sacrificios, não enfraquecer o direito a essa honrosa consideração.

Era o malgrado artista, muito respeitado de todos e para provar esta affirmação basta transcrever as seguintes palavras do *Seculo*, que deve ser insuspeito, tratando de um catholico e realista.

Diz a folha republicana:

«De sentimentos catholicos arreigados, era um caracter em toda a extensão da palavra e legitimista de alma e coração.»

O partido correspondia, decerto á dedicação de Antonio Portugal. O chefe da real familia exilada era muito amigo d'este artista, tão portuguez, e a augusta irmã do senhor D. Miguel de Bragança, a princeza D. Aldegundes, condessa de Bardi, era madrinha da filha de Antonio Portugal.

Ainda elle estava no Pará quando lhe morreu a filha, foi esta noticia que o matou.

Existe um filho de Portugal que está estudando em Campolide com grande aproveitamento e honrando notavelmente a memoria do pae.

Antonio Portugal era um fervoroso catholico, e a virtuosa senhora com quem casou era protestante, chama-se D. Lucy Portugal; elle que era doido pelos filhos, adrou a namorada com todo o ardor da juventude, mas o espirito religioso afastava-o de uma senhora que não era catholica.

Nota final:

— A virtuosa senhora abjurou...

Casaram...

Amavam-se muito...

Porém Antonio Portugal em materia religiosa não transigia.

Nem ao coração perdoava...

Manoel Barradas.



Recebemos e agradecemos:

Revista moderna seminario illustrado. N.º 33 a 35. Director-gerente. Emygdio Monteiro. Lisboa, 1896.

Mais alguns numeros, que temos presente, inserindo artigos consentaneos com a natureza da publicação, e, gravuras, na sua maioria estrangeiras.

A impressão é nitida e em bom papel.

Revista Critica de historia y literatura espanolas, portuguesas e hispano-americanas. N.º 4 a 6.

Esta importante revista, que muito sympathica se nos torna pela forma como trata os assumptos portuguezes, tem publicado interessantes estudos acerca de archeologia e livros referentes a Portugal.

A *Revista Critica* é collaborada pelos escriptores mais eminentes dos paizes a que se dedica. O N.º 4 abre com um notavel artigo de critica de tres livros portuguezes sobre inscrições, devido á penna sabia e auctorizada de Emilio Hübnner.

Revista de Loanda, publicação quinzenal. Anno I. N.º 1. Loanda 1 de abril de 1896. Directores: Balthazar d'Aguim e Luiz d'Aguim.

Os nossos collegas do *Correio de Loanda*, acabam de substituir o seu periodico pela presente revista. Nas palavras que dirigem aos seus assignantes lêem-se notaveis citações doutrinaes do valor da imprensa, cujo seguimento integral são garantia bastante e penhor sufficiente da nobre missão a que se destinam.

Se o jornalismo põe o homem em communicação viva pelos defunctos órgãos de relação que a publicidade estabelece, é bom não esquecer que da independencia com que se segue n'essa missão, resulta a hombridade de tal magistratura.

E' assim que os nossos collegas do *Correio de Loanda* repetem a celebre phrase de Cavour, *anch'io sont stato giornalista, e me onoro*.

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Volume illustrado com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc.

Dividido em 6 partes: Antes da partida — A viagem — Em marcha — As operações — O regresso — Epilogo

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis
Com uma linda capa de percalino, 500 réis

Está publicado e á venda

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE
LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 50